



VITOR VINÍCIUS DE OLIVEIRA

**O LABORATÓRIO DA PERSONAGEM JOANA DA
PEÇA GOTA D'ÁGUA: INTÉRPRETES,
DRAMATURGIA E CRIAÇÃO**

BAURU

2021



UNISAGRADO
Ensino Superior de Excelência

VITOR VINÍCIUS DE OLIVEIRA

**O LABORATÓRIO DA PERSONAGEM JOANA DA
PEÇA GOTA D'ÁGUA: INTÉRPRETES,
DRAMATURGIA E CRIAÇÃO**

Pesquisa de iniciação científica realizada
na Unisagrado.

BAURU

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com
ISBD

O482l	<p>Oliveira, Vitor Vinicius de</p> <p>O laboratório da personagem Joana da peça Gota D'água: Intérpretes, dramaturgia e criação / Vitor Vinicius de Oliveira. -- 2021. 32f.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Rafael Resende Marques da Silva</p> <p>Monografia (Iniciação Científica em Teatro) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP</p> <p>1. Gota D'água. 2. Chico Buarque. 3. Criação teatral. 4. Medéia. I. Silva, Rafael Resende Marques da. II. Título.</p>
-------	---

Elaborado por Lidyane Silva Lima - CRB-8/9602

Dedico a minha avó Maria Delgado Gaiotti (in memorian) por todas as guerras que venceu para que eu pudesse estar aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os artistas que me possibilitaram ser quem sou e estar onde estou.

A minha mãe Luciane Gaiotti pela criação que me concedeu, ao meu irmão Arthur Henrique por ser meu exemplo de homem.

A Guto Góess e a sua esposa Karina Alexandre pelas correções e humildade.

A minha madrinha Luna Ferraz pelos incentivos.

A Chico Buarque e Paulo Pontes por essa dramaturgia.

A Georgette Fadel, Cleide Queiroz e Izabella Bicalho pela paciência, boa vontade e as suas trajetórias.

A Bibi Ferreira (in memoriam), por ser única.

A Jussara Vicente e Bianca Aparecida, minhas colegas de turma e amigas da vida por cada apoio e sustento.

A Valéria Biondo, pelo acolhimento.

A Ronaldo e Rafael, pelo início.

A mim mesmo, por tudo.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar a personagem Joana da peça Gota D'Água de Chico Buarque perpassando por Medeia de Eurípedes. A proposta é o desenvolvimento de um estudo teórico sobre as peças e também prático com a criação de um espetáculo baseado em Gota D'Água. A pesquisa busca uma análise reflexiva de outros autores sobre o tema e a utilização do jogo, do corpo e das ações físicas como instrumentos de criação de uma cena teatral. Além disso, a pesquisa dialoga com o gênero fluido/neutro/não-binário do artista e sua interpretação da personagem Joana. O resultado foi além do previsto com a produção e a captação de apoio financeiro pela Lei Federal Aldir Blanc (lei emergencial que contemplou artistas em meio a pandemia da Covid-19) para a criação do monólogo Joana Pela Gota D'Água.

Palavras-chave: Gota D'Água. Chico Buarque. Criação teatral. Medeia.

ABSTRACT

The present work aims to investigate the character Joana from the play Gota D'Água by Chico Buarque passing through Medeia of Eurípedes. The proposal is the development of a theoretical study about the pieces and also a practical one with the creation of a play based on Gota D'Água. The research seeks a reflective analysis of other authors and the use of the play, the body and physical actions as instruments to create a theatrical scene. In addition, the research dialogues with the fluid/neutral/non-binary genre of the artist and his interpretation of the character Joana. The result went beyond what was foreseen with the production and obtaining financial support under the Aldir Blanc Federal Law (an emergency law that contemplated artists in the middle of the Covid-19 pandemic) for the creation of the monologue Joana Pela Gota D'Água.

Keywords: Gota D'Água. Chico Buarque. Theatrical creation. Medea

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO E REFERÊNCIAS TEÓRICAS E PRÁTICAS.....	8
1.1 – REFERÊNCIAS TEÓRICAS E PRÁTICAS.....	11
2. MATERIAIS E MÉTODOS.....	15
2.1 JOANA PELA GOTA D'ÁGUA EM ANÁLISE.....	17
3. CONCLUSÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS	20
4. REFERÊNCIAS	21
4.1 – LIVROS E ARTIGOS	21
4.2 – INTERNET: VÍDEOS, ENTREVISTAS E PROGRAMAS DE TV	22
5. APÊNDICE – RELATOS DAS INTÉRPRETES.....	22

1 – INTRODUÇÃO E REFERÊNCIAS TEÓRICAS E PRÁTICAS

A pesquisa busca uma análise teórica junto com a prática artística imersiva sobre a personagem Joana da peça Gota D'Água de Chico Buarque e Paulo Pontes¹. A proposta era o desenvolvimento do espetáculo² que foi criado pelo pesquisador de forma online pelo edital da lei emergencial Aldir Blanc juntamente com uma reflexão sobre outras interpretações de atrizes sobre a personagem.

A peça teatral “Gota D'Água”, de autoria de Chico Buarque de Hollanda e do dramaturgo Paulo Pontes, em 1975, foi realizada a partir da concepção inicial de Oduvaldo Viana Filho, com a adaptação da tragédia grega “Medeia” (EURÍPEDES, 1991), para a televisão. Isso ocorreu precisamente para o programa “Caso Especial”, exibido pela Rede Globo no ano de 1973 onde a personagem Medeia era interpretada pela atriz Fernanda Montenegro, que fazia sua estreia na Rede Globo.

Para uma análise da personagem protagonista da peça, Joana, é necessário evidenciar características da personagem “Medeia”, de Eurípedes. De acordo com a mitologia grega, Medeia é uma das personagens mais cruéis dos mitos. Por seu marido Jasão, ela foi capaz de esquartejar seu próprio irmão e trair sua pátria. Ele em retribuição acaba traindo-a e deixando-a para se casar com Glauce sob influência de seu pai o Rei Creonte. Medeia mata os dois filhos, Férís e Mérmero, para que o Argonauta sofra com a perda da continuação de sua linhagem, pois ele os via como uma extensão de si próprio, também assassina Creonte e Glauce. Ela foge com os corpos de seus filhos impedindo que Jasão tenha a possibilidade de lamentar as mortes sobre as crianças, na carruagem de seu avô Hélio, o deus sol, que faz uma aparição para Medeia de modo a ajudá-la na vingança contra Jasão. Medeia ainda viaja para Atenas onde recomeça sua vida com o Rei Egeu com quem acaba por ter um filho, Metho.

Após tentar envenenar Teseu, o filho mais velho de Egeu, o jovem herói ateniense expulsa Medeia de Atenas com seu filho, a feiticeira segue para a Ásia onde seu filho Metho reinaria em um poderoso império conhecido como Metho que serviria de base para o surgimento do império Persa.

¹ Chico Buarque de Hollanda (1944), músico, dramaturgo e escritor brasileiro; Paulo Pontes (1940-1976), dramaturgo brasileiro. Ambos responsáveis pela peça Gota D'água.

² GAIOTTI, Vitor. Joana Pela Gota D'Água, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/TE-41Q_ZcuY>. Acesso em: 18 set. 2021.

Já em “Gota D’Água”, a peça brasileira, ela é ambientada em um conjunto habitacional na Vila do Meio Dia onde o rico empresário Creonte é o dono. Joana é uma das moradoras do local que há muitos meses não paga o aluguel por conta do preço e dos juros abusivos. Ela foi abandonada pelo marido que se casa com Alma, uma mulher mais jovem e filha do rico Creonte. Joana se vê sozinha e com dois filhos para criar. Em uma mistura de amor e ódio por Jasão, Joana mata os filhos para que o marido sofra com a perda de sua linhagem masculina. Ela também parte e se apóia sobre a ideia de que existe um paraíso para seus filhos e prefere imaginar que um ser superior irá protegê-los. Por fim, Joana se suicida para que possa estar ao lado dos filhos no tão sonhado paraíso.

A tragédia grega é uma inspiração para a montagem brasileira e um aspecto que as aproxima é a religião, crença e cultura. As divindades gregas da antiguidade e a Umbanda no Brasil estão presentes em ambas histórias. O lado místico de Medeia se dá pelo fato de que ela é filha da feiticeira Hécate com o Rei da Colquida, ela usa feitiços para ajudar Jasão a obter o Velocino de Ouro³, convence as filhas do velho Rei Pélias à mata-lo para que Medeia possa trazê-lo a vida novamente de forma jovem por meio de feitiçaria, assassina com veneno o Rei Creonte e sua filha Glaude por vingança e tenta matar Teseu também envenenado. Ela é neta de Helios, deus grego do sol e usa sua magia para vingar a traição de Jasão por escolher outra mulher em seu lugar. Joana, na adaptação moderna, tem a Umbanda⁴ como religião, pois ela pede a intervenção de Xangô⁵, um orixá ou divindade africana. Além disso, há o sincretismo religioso com a mistura do catolicismo também está presente com a invocação de Nossa Senhora Aparecida⁶, a Santa Padroeira do Brasil e santa no catolicismo. As crenças são importantes e de grande valor nas duas peças e contribuem para a construção e composição da personagem e na dramaturgia.

Outro aspecto muito importante que devemos observar no mito de Medeia, na

³Segundo a mitologia grega, o velocino ou velo de ouro é a lã de ouro do carneiro voador mágico que salva Frixo e Hele das maldades de sua madrasta. Eles voam nas costas do carnerio e, quando passam pela passagem entre Europa e Ásia, Hele cai e morre dando nome ao local de Helesponto. Frixo faz um sacrifício do carneiro ao deus grego da guerra à Aries cujo símbolo é o carneiro.

⁴A Umbanda é uma religião brasileira que mistura as religiões de matrizes africanas e cristãs sintetizando os movimentos religiosos como o Candomblé, o Catolicismo e o Espiritismo.

⁵Xangô é o orixá da justiça por meio dos raios, trovões, grandes cargas elétricas e do fogo. É viril e atrevido, violento e justiceiro; castiga os mentirosos, os ladrões e os malfeitores.

⁶Nossa Senhora da Conceição Aparecida é a padroeira do Brasil simbolizada por Maria mãe de Jesus.

peça de Eurípedes e em Gota D'Água é o fato de que as personagens principais em questão são mulheres, escritas em épocas onde o destaque do feminino era algo raro. No momento em que Eurípedes transcreveu o mito da personagem para a peça, a mulher estava na posição hierárquica e social abaixo dos escravos, então Medeia quebra todos os padrões impostos pelos homens da época, se tornando uma mulher a frente de seu tempo, empoderada e considerada uma das primeiras feministas de que se tem registro.

Por ser uma adaptação, Joana carrega os mesmos anseios e características de Medeia, porém transferidos para um outro tempo e espaço. O medo de ser deixada de lado por seu marido, a raiva de sentir que perdeu anos de sua vida em função de um homem que não a merecia, ser mãe de duas crianças largadas pelo próprio pai, todos esses sentimentos são compartilhados por Joana e Medeia assim como os atos de tentativa de assassinato e filicídio.

Medeia passa pelo preconceito de xenofobia por ser uma estrangeira no país de Jasão, passa pela crítica do governo da época, também por ser feiticeira. Joana passa por questões como intolerância religiosa, machismo e a crítica dos mais poderosos como Creonte, além de estar em um meio de Ditadura Militar que está subentendido no texto.

Em ambas dramaturgias as personagens, de acordo com sua própria ótica, terminam vencedoras pois cumprem com o que fora prometido e não esperam para ver a dor que o argonauta Jasão sente, pois sabem que irá se concretizar.

Pode-se reparar que Joana tem grande influência cristã, pois sua grande vitória se dá ao imaginar que após a morte das crianças haverá um deus que irá velar por seus filhos.

Assim, Gota D'Água e sua personagem ainda continuam a levantar questionamentos e reflexões sobre o papel de Joana e sua relação na peça. No meio teatral, o texto dramaturgicó continua sendo atual e produzido por grupos e produtores teatrais no Brasil. A pesquisa sobre o tema proporciona uma abordagem mais acadêmica sobre a peça desdobrando em possíveis artigos e cenas que podem levar o nome da Unisagrado para espaços culturais e artísticos locais, estaduais e até nacionais.

Duas questões guiarão esta pesquisa teórico-prática:

- Como interpretar Joana nos dias atuais?

- Quais os recursos técnicos e estéticos podem ser usados pelo ator?

Na tentativa de responder as questões foram traçados os seguintes objetivos. Objetivo geral: realizar um estudo teórico e prático da personagem Joana na peça teatral Gota d'água. E objetivos específicos são: A) Criação e prática de cena, experimentação prática e reflexão teórica para interpretar Joana; B) Estudar a interpretação realizada por outras atrizes em diferentes montagens da peça Gota D'Água com a personagem Joana; C) Intertextualidade entre as obras: "Gota D'Água", de Chico Buarque de Holanda e "Medeia", de Eurípedes; D) Apresentar o espetáculo desenvolvido durante a pesquisa; E) Publicar artigos científicos sobre a pesquisa.

A realização da pesquisa é o aprofundamento de uma pesquisa prática e teórica já em desenvolvimento pelo pesquisador desde de 2017. Ele possui uma cena que já apresentou no 1º Encontro de Teatro da Unisagrado juntamente com um pôster sobre o tema em 2019. A iniciação científica serviu para dar uma profundidade e publicidade da pesquisa podendo contribuir na inserção profissional do pesquisador. O intuito da adaptação é desvendar a personalidade da personagem Joana de maneira mais humanizada procurando sua atualidade. Outro aspecto, a atuação da personagem será feita por um não-binário sem a necessidade de se transformar em mulher para sua realização. Os desafios são grandes e muito instigantes para o pesquisador além de estimular a pesquisa dentro do curso de Teatro Bacharelado.

1.1 – REFERÊNCIAS TEÓRICAS E PRÁTICAS

O projeto está fundamentado, principalmente, nos recursos e registros documentados de maneira virtual e bibliográfica e na prática de criação da montagem de "Joana Pela Gota D'Água". Pesquisas, análises e sínteses sobre as peças teatrais em questão serão realizadas, assim como uma pesquisa do laboratório de outras atrizes que interpretaram Joana. O contexto histórico da peça de Chico Buarque será abordado para ajudar na compreensão e criação da personagem pelo orientando. Elementos teatrais como o jogo, o corpo e as ações físicas serão estudados e aplicados durante a pesquisa.

O jogo serve como apoio pedagógico e teórico, pois é tema de outros campos como a filosofia, antropologia, psicologia, sociologia e na pedagogia. O jogo faz parte da natureza humana e para HUIZINGA (2010) surgiu até mesmo antes da cultura, pois os animais ditos irracionais também jogam. Um exemplo seria os animais que brincam de brigar, caçar e outras atividades próprias de sua espécie. SPOLIN (2010) explora o jogo como instrumento pedagógico e de inserção social para a transformação dos participantes de suas aulas. A improvisação, o jogo e o teatro estão presentes na pedagogia de Viola Spolin.

O jogo é uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessários para a experiência. [...] Uma atividade aceita pelo grupo, limitada por regras e acordo grupal; divertimento; espontaneidade, entusiasmo e alegria acompanham os jogos; seguem par e passo com a experiência teatral; [...] (SPOLIN, 2010, p. 4).

Outro referencial de base é nosso próprio corpo. Imagino que um corpo/mente bem preparado e trabalhado pode estar mais apto para uma proposta de criação. Pode-se usar a energia como ponto de partida para o trabalho vocal e físico do ator. “Não se trabalha no corpo ou na voz, trabalha-se na energia. Assim como não há ação vocal que não seja ação física, não há ação física que também não seja mental. Se há treinamento físico, também deve haver treinamento mental” (BARBA; SAVARESE, 1995, pg.56).

Esta mudança corporal e vocal do ator poderá levá-lo a uma presença cênica, esta é fundamental para que haja uma elevação da interpretação teatral, do jogo, da relação do ator com o público e do ator com o seu próprio personagem.

Com frequência chamamos esta força do ator de “presença”. Mas não se trata de algo que está que se encontra aí, a nossa frente. É contínua mutação, crescimento que acontece diante de nossos olhos. É um corpo-em-vida. O fluxo de energias que caracteriza nosso comportamento cotidiano foi redirecionado (BARBA; SAVARESE, 1995, pg.55).

A formação do corpo pode ser trabalhada com a presença num estado além dos automatismos do dia-a-dia e buscando atingir um “corpo dilatado” (BARBA; SAVARESE, 1995, p.190) ou não cotidiano. Há uma busca no teatro para trazer uma nova forma de agir e pensar sobre o trabalho do ator.

No dia-a-dia, estaríamos em geral dispersos ou "no piloto automático", desempenhando tarefas e cumprindo papéis de modo mecânico, comportando-nos como "maus atores". O corpo cotidiano careceria da energia e da vivacidade convocadas pelos processos artísticos. Nessa caracterização da experiência cotidiana, está subentendida a existência de um meio social em que vigoram certos modos de lidar com o corpo, os gestos, as ações e o pensamento. Entender o

cotidiano como o lugar da automaticidade das ações e dos comportamentos é reconhecer uma espécie de "alienação" ou de cisão na subjetividade, a predominância de uma experiência que fragmenta corpo e mente (QUILICI, 2007).

Um "corpo dilatado" (BARBA; SAVARESE, 1995, p.190) é provido de presença cênica, estando sempre alerta, em jogo, prontos para a experiência do fazer teatral. O ator cujo corpo possui um preparo adequado pode ampliar sua capacidade de criação dentro do contexto em que seu corpo habita. Pode gerar interesse no espectador chamando para ser parte de sua criação. O público poderá saber retribuir da melhor maneira possível esta troca que é algo enriquecedor para o trabalho do ator.

Outro aspecto, o entendimento da peça deve ser trabalhado num sentido mais amplo do que o textual deverá ser por meio de encontros práticos entre orientador e orientando. Serão encontros semanais para experimentar corporalmente por meio de jogos teatrais e da expressão corporal. O desenvolvimento das ações físicas (STANISLAVSKI, 2016) serão recursos do ator para pensar com o corpo sobre o tema além do ângulo racional.

Podemos dizer que a ação física é a passagem, a transição entre a pré-expressividade e a expressividade. Ela corporifica os elementos pré-expressivos de trabalho e (...) é o cerne, a base e a menor célula nervosa de um ator que representa. É por meio dela que esse ator comunica sua vida e sua arte. Segundo Luís Otávio Burnier, a ação física é a poesia do ator. (FERRACINI, 2007, p. 40)

Assim, o corpo e sua construção poética serão elementos trabalhados em paralelo com o estudo teórico. A ação física materializa e desenha sentidos, sensações comunicando com a platéia por meio do ator. "[...] O ponto principal das ações físicas não está nelas mesmas, enquanto tais, e sim no que elas evocam: condições, circunstâncias propostas, sentimentos." (STANISLAVSKI, 1997. p. 3). Sua função é conectar o interior do ator com seu exterior permitindo uma maior possibilidade de controle em relação à expressividade corporal e a potencialização da arte do encontro entre espectadores e artistas.

Para uma melhor compreensão e criação da personagem Joana faz-se necessária uma breve contextualização histórica do Teatro na época em que a peça "Gota D'Água" de 1975, por Chico Buarque e Paulo Pontes foi escrita: a ditadura militar no Brasil.

MAIA (2015) considera que mesmo diante da ditadura os artistas tinham uma forte presença cultural no país, dessa forma a voz dos artistas, poetas, atores era a

voz do povo, um desabafo, uma crítica, denúncia, demonstrando descontentamento diante das situações adversas e desfavoráveis impostas pelo governo, a arte cumprindo dessa forma sua função social.

Na ditadura o teatro era visto como um inimigo e "durante esse período, em termos de produção musical, várias músicas acabaram se transformando em verdadeiros gritos de guerra" (MAIA, 2015, p.09)

Ainda no período da censura, diante de toda opressão e repressão, os artistas se manifestaram de forma contrária, usando a sua arte como uma ferramenta de combate, por isso foi um momento de intensa atividade cultural. Muitos atores, cantores, músicos e poetas se uniram pra fazer valer a sua luta contra o regime autoritário que se estabelecia na época utilizando as suas expressões artísticas.(MAIA, 2015)

Os atores produziam para sanar a necessidade de arte em meio à opressão e dar voz à população, muitas vezes produzindo conteúdo que passava despercebido pela censura, mas ajudava o povo a resistir em meio ao período vivido.

Com isso, grandes escritores da época tiveram seus nomes marcados na história do Brasil devido sua coragem e criatividade ao colocarem nos palcos um roteiro resistente.

"(...) Destaca-se neste período o diretor José Celso Martinez Corrêa frente do Teatro Oficina com peças emblemáticas como O rei da Vela (1967), enfatizando a dicotomia da luta de classe, caindo perfeitamente para a realidade de luta. O de teatro de Arena continuava extremamente forte com a direção de Augusto Boal, com os musicais como Arena Conta Zumbi (1965), enfatizando justamente a derrota do Quilombo do Palmares numa clara alusão a derrota da esquerda em 1964. Posteriormente, encenam o espetáculo Arena Conta Tiradentes, recriando através de figuras paradigmáticas da história do Brasil o contexto política, buscando trazer a mensagem da luta dialética contínua entre os opressores e oprimidos, identificando-se com a proposta guerrilheira (RIDENTI, 2000, p. 157).

Gota D'Água pode ser considerada como uma importante peça da dramaturgia brasileira. Paulo Pontes negociou cortes na obra para que pudesse ser liberada na época da ditadura, mesmo assim foi sucesso de crítica e público chegando a ganhar o "Prêmio Molière", porém os autores o recusaram como forma de protesto contra a proibição na ditadura.

A peça se torna atual devido ao flerte de governantes com a ditadura e autoritarismos e ao caráter universal do mito de medeia presentes na peça brasileira. Dessa forma, o teatro tem a missão de levantar questões e provocações para abrir a percepção de seu público sobre a realidade em que estão inseridos. A

arte pode contribuir para melhorar as relações sociais potencializando o encontro e a reflexão entre as pessoas.

As duas peças já citadas, “Medeia” de Eurípedes e “Gota D’Água” de Chico Buarque, trazem à tona reflexões sociais e políticas de suma importância e altamente necessárias à atualidade. A peça, mesmo após 45 anos de sua publicação, traz uma análise da realidade atual do homem brasileiro com seu cotidiano, suas relações e sua dignidade ou falta dela.

O papel da mulher na sociedade ainda está à beira do patriarcalismo e do subjulgamento. A mulher tem cada vez mais funções sociais atribuídas e pouco ou nenhum reconhecimento. Uma discussão e reflexão sobre uma personagem feminina, principalmente que não atende a padrões sociais pode ser válida para a busca de uma transformação.

A presente pesquisa já está em desenvolvimento com o monólogo intitulado “Joana Pela Gota D’Água” e precisa de embasamento teórico e prático para se consolidar. Há um processo de criação de partitura corporal e estudo teórico já encaminhados. A pesquisa também tem ênfase na atuação do ator em papéis femininos, de forma que o mesmo não seja não-binário “travestido” ou “disfarçado” para tentar evidenciar o universo feminino com outra sensibilidade estética.

O espetáculo “Joana pela Gota D’Água” é uma pesquisa que vem sendo desenvolvida pela ânsia de demonstrar a força da personagem Joana. Busca ser uma homenagem aos escritores da peça original e às intérpretes que ao longo de 45 anos vêm encarnando o respectivo papel de Joana. É um desejo e uma tentativa do pesquisador de passar ao público uma nova imagem da personagem ressignificando uma possível injustiça desta mulher definida como louca e desequilibrada.

Por fim, há um sentimento de que a pesquisa possa contribuir na inserção profissional de seu autor permitindo uma melhor estruturação metodológica, conceitual e estética da criação cênica.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Os materiais e métodos foram explorados pelas entrevistas com três atrizes que estimularam reflexões teóricas e práticas: Cleide Queiroz, Georgette Fadel, Izabella Bicalho. Além disso, a construção do espetáculo Joana Pela Gota D’Água foi outro ponto utilizado e desenvolvido.

A pesquisa busca uma experiência laboratorial do ator/universitário ao atuar como uma personagem feminina de grande diversidade moral, ética e psicológica que são Joana e Medeia.

Os Laboratórios Teatrais surgem como uma necessidade do homem de teatro que se inclina à investigação. [...] No conceito de Laboratório, as formas de expressão se re-postulam constantemente. (...) A pesquisa laboratorial propõe justamente a submersão nas fibras mais inquietas que movem a criação teatral. A investigação do aparelho psicofísico do ator é ponto central de interesse nesse trabalho.

Finalmente, como o próprio termo indica, Laboratórios são campos de experimentação que, sem perder de vista a inserção no mercado e os mecanismos de produção cultural, privilegiam a importância do trabalho processual, contínuo, independente e culturalmente diverso das formas de expressão midiáticas e massivas (NORTEA, Núcleo de Laboratorios Teatrais do Nordeste, 2008)

A metodologia prática pode ser analisada a partir da peça “Gota D’Água” de Chico Buarque e Paulo Pontes adaptada pelo autor da pesquisa para um monólogo denominado “Joana Pela Gota D’Água” que tem como propósito abordar inicialmente Medeia de Eurípides e, em seguida, a personagem Joana com o próprio texto da peça original, porém adaptado.

As apresentações de “Joana Pela Gota D’Água” fazem parte do processo de criação e pesquisa permitindo uma vivência da personagem, teste da cena, do figurino, dos adereços e do cenário.

Quatro atrizes intérpretes da personagem Joana atraíram minha atenção: Bibi Ferreira⁷, Cleide Queiroz⁸, Georgette Fadel⁹ e Izabella Bicalho¹⁰. A Bibi foi uma referência para as outras e uma mestra na composição da personagem. Não quer dizer cópia e sim como força, coragem e referência para quem deseja se lançar em Joana. Assim, elas inspiraram o pesquisador em diferentes montagens e épocas,

⁷ Bibi Ferreira, 1922-2019, atriz, cantora, compositora, diretora e apresentadora brasileira.

⁸ Cleide Queiroz, atriz brasileira.

⁹ Georgette Fadel de 47 anos, nascida em Laranjal Paulista- SP, é uma atriz e diretora teatral que mantém em seu currículo mais de 43 peças teatrais como “Esperando Godot” de Samuel Beckett (1906-1989), “Entrevista com Stela do Patrocínio” de Stela do Patrocínio (1941-1992), “Maria Stuart” de Friedrich Schiller (1759-1805), “O Que Mantém Um Homem Vivo?” com textos de Bertold Brecht (1898-1956) e adaptação de Renato Borghi (1937), entre outros.

Além de trabalhos no cinema e televisão como o filme “O Banquete” de 2018 dirigido por Daniela Thomas (1959); e o seriado televisivo “Segunda Chamada”, criado por Júlia Spadaccini (1979) e Carla Faour (1974) exibido em 2019 pela “Rede Globo”. ABNT

foram entrevistadas e seus laboratórios teóricos e práticos investigados para a colaboração na montagem de “Joana Pela Gota D’Água” e na iniciação científica presente.

A construção da personagem se espelha em depoimentos de mulheres vítimas de violência nos rincões do país, que preferem ver os filhos mortos a passarem fome ou secam o choro com a raiva acumulada dos homens que lhes abandonam. Ao tom do expressionismo requerido pelo encenador, Cleide responde com a composição de uma personagem exacerbada e feroz, de postura rígida e voz gutural, cujos olhos se arregalam e o fôlego é arquejante. Recepções críticas celebram a atuação de Cleide, a exemplo do crítico Sérgio Sálvia Coelho (1964), que reconhece uma vivência profunda de Joana em meio a marcações externas e decorativas. (CLEIDE, Itaú Cultural, 2021).

Os relatos e as entrevistas serviram para a inspiração seja na coragem de realizar a montagem deste texto importante na dramaturgia brasileira e uma personagem complexa que demanda uma maturidade do ator/atriz. As associações e escolhas estéticas e de construção desta criatura cênica Joana foram buscadas nas intérpretes femininas e bem observadas seja no corpo ou na intensidade energética de cada gesto e palavra dentro de partituras corporais e vocais.

2.1 JOANA PELA GOTA D’ÁGUA EM ANÁLISE

Colocando “Joana Pela Gota D’Água” em análise é possível que se perceba a ideia por dentro da adaptação, trata-se de um espetáculo com o intuito de evidenciar a visão do ator-pesquisador para personagem Joana a partir das pesquisas realizadas acima dos textos e entrevistas colocando-a em protagonismo com suas nuances e dificuldades pelas situações nas quais ela vive durante a história, dando a personagem uma face mais empática do que havia sido feito anteriormente em outras montagens.

O realismo permanece durante toda a peça já que a narrativa aborda a vida de uma personagem brasileira, pobre, mulher, mãe, abandonada e expulsa do próprio lar por um “homem de poder”, sendo ele Creonte, dando vertente para que haja a associação pessoal dos espectadores; além do cenário criado com caixotes de madeira que dão alusão a móveis simples de uma casa em decadência financeira; com o ponto forte do cenário sendo um andaime ao fundo, esse é o responsável por caracterizar o conjunto habitacional onde Joana sobe para poder gritar com seus vizinhos e também onde a personagem se suicida nessa adaptação;

e figurino sendo somente um vestido longo cinza muito simples e surrado, todas essas características colaboram para a atmosfera que o espetáculo pretende transmitir ao público.

O figurino tem como base as montagens de Gota D'Água de 1975, 2006 e 2007; as atrizes Bibi Ferreira, Georgette Fadel e Izabella Bicalho tinham como figurino um simples vestido preto sem maiores características dando a personagem uma imagem de pessoa simples, sem luxos, sem vaidade.

O cenário de caixotes de feira feitos em madeira foi criado a partir da imaginação e de vivências passadas do pesquisador tendo acreditado que haja total sentido em sua utilização, além de ser móvel, de fácil montagem e baixo custo. Surgiu como uma necessidade de ambientar um cortiço com materiais, como os caixotes, que pudessem ser encontrados em feiras e mercadões, esses materiais que viraram móveis em cena poderiam ser remanejados até mesmo para outra montagem ao fim do espetáculo por se tratar de algo sem característica própria ou única.

O andaime surge tendo como base “Gota D'Água [a seco]” de 2016, com cenografia de André Cortez, onde os atores Laila Garin, intérprete de Joana, e Alejandro Claveaux, intérprete de Jasão contracenam subindo e descendo no cenário móvel que após assistir a montagem o pesquisador fez uma associação a um andaime de construção, que por sua vez também remetera a música “Construção” e “Deus Ihe Pague” de Chico Buarque, essas duas músicas foram inclusas na adaptação “Joana Pela Gota D'Água”, porém por uma questão de duração foram retiradas da montagem.

O ator-pesquisador deste trabalho se entende como sendo uma pessoa de gênero fluido/não-binário/neutro, afirmação que traz algumas reflexões, tais como: somente uma mulher cis pode interpretar a personagem em questão? Qual o papel de um artista de outro gênero, que não o cis, no meio artístico? Uma questão de grande importância que surgiu ao longo dos 3 anos que essa pesquisa está sendo realizada é a linguagem a qual faz referência ao pesquisador não-binário. Houve uma pergunta de enorme valia, sendo ela a razão pela qual o pesquisador não utiliza a linguagem neutra para referir a si mesmo.

Há uma resposta simples a volta dessa questão, o pesquisador não se sente confortável em utilizar a linguagem neutra visto que em toda sua vida utilizou a

linguagem no masculino, não vendo motivo para que haja mudança.

O pesquisador gostaria de deixar claro que essa é uma opção pessoal e que é totalmente a favor da linguagem neutra para quem se sente confortável em utilizá-la, além de que deve haver respeito por parte das pessoas de outros gêneros começando pelo uso dos pronomes corretos em relação aos não-binários.

O conceito, além de interpretar a peça pelo grande caso de amor que sente em relação a ela, é também quebrar padrões pré estabelecidos e esperados pela sociedade ainda muito machista e patriarcal.

No início seria uma cena de 20 minutos aproximadamente a ser criada para a pesquisa, porém acredita-se que a personagem Joana é forte e grande o suficiente para um monólogo de 1h e 30m, tal qual fora criado, tendo muito conteúdo e sede de fala, somente uma cena não iria comportar toda a grandeza da história de Chico Buarque e Paulo Pontes.

Até o presente momento as atividades que puderam ser realizadas de acordo com o cronograma pré-definido são as revisões sistemáticas da literatura, organização e elaboração do relatório parcial; organização, análise e compilação de dados. Devido a pandemia do Covid-19 e as medidas de saúde e distanciamento o processo criativo em sala de ensaio não pode ser realizado com o orientador, porém o pesquisador realizou o processo solo para a montagem do espetáculo “Joana Pela Gota D’Água” que foi contemplado pela Lei Emergencial Aldir Blanc no município de Pederneiras tendo sua estreia em 13 de Dezembro de 2021, gravado no teatro municipal da cidade de acordo com todas as medidas para evitar a contaminação pelo vírus. Assim sendo, a 8ª etapa do cronograma já fora realizada com sucesso.

O espetáculo permanecerá disponível nas redes sociais e na plataforma de vídeo “YouTube” link: https://www.youtube.com/watch?v=TE-41Q_ZcuY&t=5s; até 31 de Abril de 2021 de acordo com o contrato entre o pesquisador e a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT) que permitiu a utilização e adaptação da peça “Gota D’Água” de Chico Buarque e Paulo Pontes. E o link atual e aberto no youtube: https://youtu.be/TE-41Q_ZcuY.

3. CONCLUSÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

Os resultados da pesquisa tem sido animadores e rendido frutos, como o projeto para o edital da Lei Aldir Blanc que foi possível graças aos estudos já realizados para o projeto “O Laboratório da Personagem Joana da Peça Gota D’Água: Intérpretes, Dramaturgia e Criação”.

Para os futuros trabalhos temos a pretensão de participar em congressos, seminários, festivais de teatro e cenas curtas com o espetáculo e a publicação de artigos. O próximo passo é apresentar o espetáculo para o público presencial pós pandemia e também manter a peça em cartaz por um período ainda não definido.

Um pensamento foi se formando ao longo da pesquisa: porque Medeia ou Joana estão à frente do seu tempo?

Segundo o pesquisador, Joana é a representação da mulher, uma das primeiras mulheres empoderadas depois das deusas, porque ela é humana, porém ela representa a figura da mulher à frente do seu tempo.

Elas são mulheres que quebram todos os padrões de comportamento da época. Numa época em que as mulheres eram submissas e estavam em último lugar depois dos escravos (Grécia antiga) e muitas vezes submissa ao marido na atualidade. E a Medeia e Joana são mulheres que rompem com tudo isso.

Elas, quando tramam a vingança contra Jasão, não está só se vingando e matando os próprios filhos, elas estão sim eliminando os descendentes daquele homem e abrindo mão do seu papel de mãe que era o único papel que cabia à mulher. Então elas abrem mão desse papel. Medeia na tragédia grega ainda é salva pelo seu pai o deus Helios numa carruagem de fogo que é um elemento criado por Eurípedes para Medeia. Assim, Medeia foge e se casa novamente com outro rei e dá mais filhos a ele numa época em que a mulher já era considerada muito velha e que não serviria para nada. Já Joana não tem o mesmo fim que Medeia e passa por um final trágico e mais adaptado para a realidade brasileira da época.

A humanidade destas personagens acabam por colocar a mulher noutra local resignificando seu papel, pois elas extrapolam o que é permitido e desejado pelos homens em relação às mulheres. Elas amam muito seus filhos, mas elas realmente queriam provocar uma reflexão ou um terror e piedade com suas posturas. Seria mais importante abrir mão do papel de ser mãe para mostrar sua dor e seu

verdadeiro lugar como mulheres? Você que nos lê, teria piedade de Medeia ou Joana?

Observando o papel de Joana e Medeia pode ser compreensível e passível de apoio quando ela exerce seu papel de transgressora. E sua importância pode ser percebida pela longevidade da peça depois de mais de dois mil anos. Ela foi uma das pouquíssimas peças que sobreviveram ao seu tempo. Mesmo com sua violência, o papel dela de transgressora foi fundamental para que hoje as mulheres estejam no lugar que estão e procuram se defender como podem.

4. REFERÊNCIAS

4.1 – LIVROS E ARTIGOS

BARBA, Eugênio; SAVARESE, Nicola. **A arte secreta do ator**. Campinas: Editora Unicamp; 1995.

BUARQUE, Chico. **Gota D'Água**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1977.

EURÍPIDES. **Medeia, Hipólito e As Troianas**. Trad. Mario da Gama Kury. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, Brasil, 1991.

FERRACINI, Renato. **A arte de não interpretar como poesia corpórea do ator**. Campinas: Editora Unicamp; 2007.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: O jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Editora Perspectiva; 2010.

MAIA, Adriana Valério. **A música popular brasileira e a ditadura militar: vozes de coragem como manifestações de enfrentamento aos instrumentos de repressão**, 2015. 13 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2015.

QUILICI, Cassiano Sydow. O ator-performer e a crítica do “corpo cotidiano”. **Revista Cultura Crí-ti-ca**. São Paulo: APROPUC-SP, 03, Teatro, 1º semestre; 2006.

RIDENTI, M.. **Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV**. Rio de Janeiro: Editora Record. 2000, p. 157.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para teatro**. Tradução e revisão Ingrid DormienKoudela e Eduardo José de Almeida Amos. São Paulo: Perspectiva; 2010.

STANISLAVSKI, Constantin. **A construção da personagem**. Trad. Pontes de Paula Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

_____. **Manual do ator**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

4.2 – INTERNET: VÍDEOS, ENTREVISTAS E PROGRAMAS DE TV

CLEIDE Queiroz. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa399788/cleide-queiroz>>. Acesso em: 07 de Mar. 2021. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

NORTEA, Núcleo de Laboratórios Teatrais do Nordeste. **O Que São Laboratórios Teatrais?**. Disponível em: <http://www.nortea.com.br/Nortea/O_que_sao_Laboratorios_Teatrais.html>. Acesso em: 26 mar. 2020.

MEDEIA. **Caso especial**. Rio de Janeiro: Rede Globo de Televisão, 14 de fevereiro de 1973. Programa de TV.

QUEIROZ, Cleide. **O Laboratório das Intérpretes de Joana**. Bauru: 2019. Entrevista concedida a Vitor Vinicius de Oliveira.

BICALHO, Izabella. **O Laboratório das Intérpretes de Joana**. Bauru: 2019. Entrevista concedida a Vitor Vinicius de Oliveira.

FADEL, Georgette. **O Laboratório das Intérpretes de Joana**. Bauru: 2019. Entrevista concedida a Vitor Vinicius de Oliveira.

GAIOTTI, Vitor. **Joana Pela Gota D'Água- Vitor Gaiotti. 2020**. (1h27m8s). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=TE-41Q_ZcuY&t=5s> Acesso em: 07 mar. 2021.

5. APÊNDICE – RELATOS DAS INTÉRPRETES

Três atrizes intérpretes da personagem Joana, em diferentes montagens e épocas, foram entrevistadas e seus laboratórios teóricos e práticos investigados para a colaboração na montagem de “Joana Pela Gota D'Água” e a iniciação científica presente.

A primeira intérprete de Joana a ser entrevistada foi a atriz Cleide Queiroz¹¹, em 2019 a artista concedeu a entrevista via telefone visto que a própria não possui internet ou qualquer tipo de rede social.

Cleide Queiroz de 81 anos, nascida em Santos- SP no ano de 1940, com mais de 50 anos de carreira dedicados ao teatro, cinema, televisão e ao ensino de expressão vocal; tendo trabalhado nos palcos em “Morte e Vida Severina”, “O Comprador de Fazendas” dirigido por Dulcina de Moraes¹² (1908-1996), “O Poeta da Vila e Seus A mores” em 1977, entre outros; além dos filmes “Pixote- A Lei do Mais Fraco” de Héctor Babenco¹³ (1946-2016) e “A Hora da Estrela” de Suzana Amaral¹⁴ (1928-2020).

A atriz proporcionou uma entrevista de grande valor para esta pesquisa, para a montagem do espetáculo e também de valor emocional para o pesquisador. Cleide conta que conheceu o mito de Medéia e o texto de Eurípedes em 1970 quando assistiu ao espetáculo “Medéia” dirigido por Silnei Siqueira¹⁵ e produzido pela atriz Cleyde Yaconis¹⁶ (1923-2013) que interpretava a personagem título.

Quando a peça Gota D’Água teve sua estréia em 1975 tendo Bibi Ferreira¹⁷ como intérprete de Joana, Cleide não pode assistir ao espetáculo pois ensaiava uma outra peça com a companhia que integrava, porém soube através dos comentários e da crítica que Gota D’Água fora um escândalo de texto e encenação.

Em 2001, Cleide Queiroz recebe o convite do diretor Gabriel Villela¹⁸ para protagonizar a nova montagem do espetáculo de Chico Buarque e Paulo Pontes, ela considera Joana como um grande presente de Villela.

Em 2001, recebe indicação ao Prêmio Shell ao representar Joana, a protagonista da peça Gota D’Água (2001). A construção da personagem se espelha em depoimentos de mulheres vítimas de violência nos rincões do país, “que preferem ver os filhos mortos a passarem fome ou secam o choro com a raiva acumulada dos homens que lhes abandonam”¹. O texto, do dramaturgo Paulo Pontes (1940-1976) e do escritor e compositor Chico Buarque (1944), tem direção de Gabriel Villela (1958). Ao tom do expressionismo requerido pelo encenador, Cleide responde com a composição de uma personagem exacerbada e feroz, de postura rígida e voz gutural, cujos olhos se arregalam e o fôlego é arquejante. Recepções críticas celebram a atuação de Cleide, a exemplo do crítico Sérgio Sálvia

¹¹ Cleide Queiroz, atriz brasileira.

¹² Dulcina de Moraes, 1908-1996, atriz brasileira de teatro, criadora da Fundação Brasileira de Teatro

¹³ Héctor Babenco, 1946-2016, cineasta argentino naturalizado brasileiro

¹⁴ Suzana Amaral, 1932-2020, cineasta e roteirista brasileira

¹⁵ Silnei Siqueira, 1934-2013, ator, diretor teatral, dramaturgo e iluminador brasileiro.

¹⁶ Cleyde Yaconis, 1923-2013, atriz brasileira

¹⁷ Bibi Ferreira, 1922-2019, atriz, cantora, compositora, diretora e apresentadora brasileira.

¹⁸ Gabriel Villela, diretor teatral, cenógrafo e figurinista brasileiro.

Coelho (1964), que reconhece uma “vivência profunda de Joana” em meio a “marcações externas e decorativas” (CLEIDE, ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural, 2021)

Por telefone, Cleide conta alguns caminhos pelos quais teve que percorrer para seu laboratório de Joana, que de acordo com sua visão também era Medéia. A atriz pesquisou o mito de Medéia e a relação da personagem com as outras figuras da história; passou também por narrativas de bruxas e feiticeiras, notícias reais sobre mulheres que haviam cometido infanticídio como Joana/Medéia, sofredoras abandonadas por seus maridos; seu estudo contou com a análise, significado e causa do ato de algumas palavras-chave: Raiva, ódio e vingança. Em seu laboratório a atriz fez a leitura do livro “A Arte de Lidar com a Raiva- O Poder da Paciência” de Tenzin Gyatso, o atual Dalai-Lama¹⁹, líder espiritual do budismo tibetano. Após a leitura, ela compreendeu melhor os motivos pelos quais podem levar alguém a sentir raiva e cometer tais atos como Joana/Medéia.

Após o laboratório teórico, Cleide seguiu para a prática. Foram 4 meses de ensaios difíceis fisicamente; Cleide tinha 61 anos na época; e emocionalmente visto que Joana mata os próprios filhos, até a estreia do espetáculo em 14 de Setembro de 2001, recordou. Cleide se tornou a primeira atriz negra a interpretar Joana, tal feito que tanto a atriz quanto o teatro brasileiro considera uma quebra de padrões; somente em 2019 outra atriz negra interpreta a personagem, sendo ela Juçara Marçal em “Gota D’Água [PRETA]” com direção de Jé Oliveira e tendo elenco majoritariamente negro. Cleide ainda lembra que sofreu preconceito mesmo dentro do elenco de Gota D’Água, tendo dito que os atores da peça foram cruéis.

Por ser negra, diz que jamais havia conseguido bons papéis. Na conversa a atriz faz uma ressalva quando se refere a personagem Joana: “Depois de tantos anos de carreira ganhei um bom papel”.

Por último Cleide relata que sentiu certo peso por estar interpretando uma personagem que fora escrita para Bibi Ferreira, considerada uma grande dama do teatro brasileiro, que a interpretou com tamanha grandeza que fez com que outras atrizes recusassem o papel em outras montagens por receio de não suprirem tudo o que rodeia Gota D’Água e Bibi.

Uma questão posta pelo pesquisador foi a indagação de que: de acordo com o ponto de vista da atriz, dado seu estudo, laboratório e vivência da personagem, ela

¹⁹ Tenzin Gyatso, Dalai-lama, líder espiritual do budismo tibetano

acredita que Joana seja humana? Cleide interpretou a personagem como sendo...?

Cleide então responde que Joana, em sua opinião, “foi humana até certo ponto”, a personagem ama seus filhos más se deixou levar pelo ódio e “surtou”. Após essa última declaração, a atriz se despediu agradecendo pelo interesse e desejando sorte ao pesquisador.

Seguindo na linha das entrevistas, a próxima intérprete de Joana que se dispôs a dialogar com o pesquisador em relação a todo o conjunto de seu laboratório foi a atriz Georgette Fadel²⁰ (1974).

Em 2019, a experiente atriz concedeu sua entrevista via “Whats App” cedendo seu número de telefone particular para sanar quaisquer dúvidas que pudessem surgir ao longo da pesquisa, mostrou-se também imensamente interessada e disposta a responder as perguntas elaboradas pelo pesquisador.

A atriz conta que sua experiência com “Breviário- Gota D’Água” foi algo incrível.

Eu fiz uma experiência com Heron coelho²¹ e fizemos somente três cenas de casal Jasão/Joana para ir para um evento do Sesc Ipiranga que trabalhava autores de musicais brasileiros, dentre eles Paulo Pontes e o Chico Buarque. Só que foi tão fácil fazer, o que eu quero dizer com isso é que foi tão fácil decorar aqueles textos da Joana, foi tão fácil entender por onde a cena ia, saber por onde aquela situação ia. Eu já conhecia um pouco do mito da Medéia e também sempre tive muita proximidade e empatia pelas questões da mulher brasileira, da mulher pobre brasileira. Então assim tanto do lado da Joana seja do lado brasileiro, quanto do lado do mito da Medéia tudo me encantava demais, de alguma maneira compreendia aquelas situações, aqueles diálogos, aquelas emoções todas embricadas naquelas personagens, no meu caso da Joana. Então de alguma maneira esse trabalho inicial foi muito fácil, o que deu vontade de montar o espetáculo inteiro”. (FADEL, 2019)

Georgette explica que a peça na íntegra era muito longa, e mesmo assim a adaptação durava três horas, pois a atriz dava muitas pausas e abusava desse direito, segundo ela “da comoção do público”.

Era também um espetáculo musical muito simples, pois nem todas as canções eram cantadas; no elenco não havia a quantidade necessária de atores para que pudessem sustentar um espetáculo musical em essência. Diz a atriz:

²⁰ Georgette Fadel de 47 anos, nascida em Laranjal Paulista- SP, é uma atriz e diretora teatral que mantém em seu currículo mais de 43 peças teatrais como “Esperando Godot” de Samuel Beckett (1906-1989), “Entrevista com Stela do Patrocínio” de Stela do Patrocínio (1941-1992), “Maria Stuart” de Friedrich Schiller (1759-1805), “O Que Mantém Um Homem Vivo?” com textos de Bertold Brecht (1898-1956) e adaptação de Renato Borghi (1937), entre outros.

Além de trabalhos no cinema e televisão como o filme “O Banquete” de 2018 dirigido por Daniela Thomas (1959); e o seriado televisivo “Segunda Chamada”, criado por Júlia Spadaccini (1979) e Carla Faour (1974) exibido em 2019 pela “Rede Globo”.

²¹ Heron Coelho, músico, iluminador e diretor teatral brasileiro.

“Todos atores, mas não necessariamente atores cantores no sentido mais forte a ponto de conseguir segurar essa demanda tão musical do espetáculo”.

Fora então privilegiada toda a parte dramática, no que diz respeito a questões amorosas sendo muito reforçado na parte política, embora os dois elementos estejam muito combinados, pois havia um mito muito completo em mãos.

Segundo a atriz, o texto de Gota D'Água é muito fácil e muito compreensivo no aspecto de que ele por si só é excelente ao longo de toda a sua construção poética, não meramente no nível dos sentidos, mas também no nível da palavra e da proposta de Paulo Pontes e Chico Buarque com toda a musicalidade ininterrupta dos personagens, a beleza da composição poética dos autores. “Isso tudo ganhou uma potência pra lá de Eurípides e ganhando uma força mítica porque não deixa de ser Medéia. Pra gente acaba aprofundando mais ainda porque fala demais do nosso povo”. (FADEL, 2019)

De acordo com a artista, a miscelânea de todos os elementos e a facilidade de compreender tudo o que o texto trazia, nos permite ter uma idéia de como isso que chamamos de laboratório durou apenas 20 dias para o grupo de Breviário.

“Foi muito rápido porque a gente resolveu fazer uma coisa cênica bem descomplicada justamente para deixar que o texto fosse extremamente ouvido e extremamente compartilhado sem nenhum tipo de recurso extra. Aquela velha história de deixar saltar o que a gente quer [...]. Vamos fazer uma coisa muito simples; vamos fazer uma arena, o boteco e um praticável para elevar um pouquinho o nível do Creonte. Vamos fazer uma brincadeira com esse texto”. (FADEL, 2019)

A atriz relata que seu encontro com o texto foi “um jogo gostoso de quem decora uma música que gosta muito”.

Então são canções pra mim é a minha relação musical com esses textos [...]. São coisas que eu amo muito, são palavras que eu amo, uma relação muito musical. Significa que tem não só sentido e nem só forma, é forma e sentido tudo junto. Gosto muito, sinto muito gosto desse texto e por isso foi um trabalho muito fácil, literalmente como aprender uma música querida. (FADEL, 2019)

Em relação à escolha do elenco, Fadel explica que contracenar com os companheiros que escolheu fora profundamente fácil pois havia justamente escolhido talentosos improvisadores, pessoas que como ela tinham muita facilidade de construir a cena de uma maneira - segundo a atriz - mais dançada e jogada. O que queremos dizer em referência a vista disso é a não necessidade de uma direção totalmente rígida com delimitação precisa, o “ser isso ou aquilo” ou uma visão muito estetizada do texto integro.

A gente entrou e a nossa bola era o texto, tínhamos uma arena e o texto; e esses amigos improvisadores do espaço. Então todo espetáculo tinha

pequenas variações dessas marcações e tudo mais porque a gente estava quase que jogando uma bola e essa bola era esse texto que por si só carrega mil camadas de muita complexidade. Hoje em dia ainda mais com tudo o que a gente tem vivido. (FADEL, 2019)

Quanto ao laboratório teórico e prático, a intérprete caracteriza “Gota D’Água” como um espetáculo funil em sua vida.

O quero dizer com isso é que eu fiz ele com 33 anos e fiquei fazendo durante muitos anos até perto dos 40. Então ele não foi resultado de uma pesquisa específica que eu fiz. Ele foi o resultado de uma vidinha minha, de uma primeira parte da minha vida que tudo aquilo que eu quis para mim, que eu construí para mim em relação ao mundo, tudo aquilo que eu trouxe para mim enquanto observação do mundo o conhecimento dessa sociedade, dessa idéia e dessa arte. No momento foi o texto ideal para mim, para eu colocar em cena tudo aquilo que chamo de funil, onde eu pego a minha vida e estilo ali coloco ali. Então foi muito fluido, muito natural e orgânico. Claro muito aquecimento, muito trabalho com o corpo, eu já fazia aikidô, já me enveredava um pouco por canção pela história da fala cantada. Já tinha feito um espetáculo anterior chamado entrevista com Estela do Patrocínio onde eu trabalhava muito a história da voz cantada, palavra Cantada, do texto cantado, da fala que é canto. Então a Gota D’Água veio junto um pouco com também com essas vontades, essas pesquisas, eu gosto muito da palavra, eu entendo a palavra como canto. Como som bom, como vibração. (FADEL, 2019)

Ao respeito de seu treinamento corporal, a atriz conta que acontece, ainda hoje, por meio da sua prática em artes marciais como o “Aikidô²²”, uma arte marcial de origem japonesa que ela é adepta há mais de 15 anos, diz: “é por aí que eu vou entender as energias espirais e as posições e as máscaras corporais”.

O pesquisador questiona: “para você Joana é humana?”, a atriz argumenta acreditar fortemente na humanidade da personagem além do fato de Joana ser uma “guerreira”.

Ela é sim muito humana. Tanto uma criança mimada quanto uma grande guerreira social, uma guerreira comum. Ela se sente traída. A classe dela ainda é o povo, ao mesmo tempo que ela passa por momentos muito infantis, não é uma personagem sábia no sentido de manter a calma e serenidade diante de tudo, ela vai agir, então sim eu sinto ela muito humana e ao mesmo tempo uma grande personagem porque todas as tintas estão puxadas. No entanto, na realidade, a gente também vê muitos casos assim muitas e muitas mulheres falando tanta poesia e tanta força. Eu acho que as pessoas se identificam com ela. Uma grande parte se identifica com Joana, assim conseguem compreender todas as forças que ela defende, pelas quais ela clama. (FADEL, 2019)

No que diz respeito a uma piedade do público para com a personagem, Fadel explica acreditar que “nenhuma grande personagem merece isso”.

“Ela chama compaixão, ela chama identificação e a gente fica com ela, em algum lugar pode passar por esse sentimento de piedade.

²² Aikidô ou aikidô é uma arte marcial japonesa surgida no início de 1920, uma fusão de Daito-ryu Aiki de jiu-jítso e Omoto-Kyo, preceito religioso.

Ela mereceria, más aí não seria essa tragédia e seria a justiça acontecendo. Não sei de que talvez ele esteja vivendo seja uma ilusão de uma ilusão amorosa uma ilusão de classe uma ilusão que está subindo na vida. Acho que a peça se constrói em cima dessa ideia da redenção da Joana por isso porque é a redenção dela seria ver a alma morta, por exemplo? como tragédia da tragédia grega existe a redenção da Medéia porque ela acaba fugindo num carro só e com constituindo outra família. O Jasão fica sem esposa sem os filhos. Então é uma espécie de redenção agora no caso da Gota D'Água. Isso não poderia acontecer. Seria muito fácil uma situação nacional e uma situação política que envolve a peça exige que a Joana saia por baixo acaba morrendo mate como na tragédia grega sai literalmente por cima porque a gente está falando com a realidade nacional. Então talvez não ficasse muito bem haver a redenção da Joana. (FADEL, 2019)

Fadel então contextualiza a peça de Eurípedes, o mito grego; e o texto de Buarque e Pontes explanando que Gota D'água só dialoga com ela mesma, ou seja, como se somente Joana fosse real e tanto o mito grego quanto a peça de Eurípedes não existissem.

Claro que Chico só fala com o Chico e com a obra do Chico. A obra de Eurípedes é básica e diz muito sobre o que a gente sabe que a escrita é parcial. Ele não escreveu sobre o mito completo, continua ali no momento em que Medéia foge. Ela vive muito feliz pois sabe que o Jasão morre esmagado pela carranca do navio. Eurípedes escreveu uma parte do mito. Bom a gente sabe disso. No caso da construção dramatúrgica da Gota D'Água. Muito diferente disso. Uma grande feiticeira ela mesmo antes de conhecer o Jasão já sabia que o conheceria já sabia tudo o que aconteceria para os filhos ela já sabia que mataria. Estamos falando de outra coisa. Agora no caso Joana flerta com ela. (FADEL, 2019)

Izabella Bicalho nascida em 6 de Outubro de 1972, atualmente com 49 anos, no Rio de Janeiro. Foi a terceira intérprete de Joana a ser entrevistada. A atriz conta com mais de 30 anos de carreira sendo considerada grande destaque no cenário de teatro musical brasileiro, tendo atuado em “Bilac vê estrelas”, “O Beijo no Asfalto- O Musical”, além de “Gota D'Água”.

Coleciona trabalhos na televisão como Sitio do Pica Pau Amarelo, Roque Santeiro, Negócio da China, Capitu, Anos dourados na Rede Globo e Gênese na Rede Record.

Além de trabalhos como atriz, Bicalho realizou grandes dublagens como nas séries Power Rangers: Força do Tempo, Arrow, Todo Mundo Odeia o Chris e Rebelde.

Izabella Bicalho contou ao pesquisador sobre seu processo e sua visão da personagem Medéia/Joana

A atriz conta que Gota D'Água surgiu quando estudou durante 2 anos cultura grega com Junito de Souza Brandão na PUC-rio. E durante um ano e meio estudou todas as tragédias gregas, mergulhando nesse universo de uma forma muito profunda e se apaixonando por essas obras, saiu da faculdade querendo muito

montar uma tragédia grega, e de todas as tragédias a única que não se identificava e não queria fazer era Medéia.

Seguindo a trajetória de busca do espetáculo que queria montar, diz a interprete que primeiro se lembrou das músicas da peça Gota D'Água que conhecia e isso a levou até Gota D'Água que era uma tragédia grega, então de forma muito inocente pesquisou as bases da peça pois não se lembrava qual era a tragédia, quando leu o texto encontrou Medéia.

Assim chegou a conclusão que mesmo inconsciente essa era a tragédia que precisava mergulhar.

Izabella é mãe de 3 filhos, segundo a própria por isso tinha uma resistência com relação a essa tragédia. Mas por outro lado achava que exatamente a sua vivência de mãe traria muitos elementos para usar nessa tragédia com relação ao desespero todo que a personagem alcança ao longo da peça.

Nas tragédias gregas essa catarse tem uma outra leitura, a tradução do Paulo e do Chico a meu ver abraçou de uma forma muitíssimo inteligente e criativa o que trouxe uma latinidade e uma verdade que combina mais com nós brasileiros, então quando eu li a peça do Paulo do Chico eu pensei: Nossa essa Medéia tem a ver comigo. (BICALHO, 2019)

Mergulhar nas emoções e na trajetória de Joana, de acordo com a atriz, funcionou da forma que funcionou porque trazia a sua vivência pessoal de mãe.

Então eu fui atrás dos direitos, comecei o processo do espetáculo, a gente ganhou um edital e começamos os ensaios com João Fonseca. João nunca tinha dirigido musical e eu nunca tinha feito um trabalho de tanta responsabilidade. (BICALHO, 2019)

A escolha desse projeto foi quase inocente, conta ela.

Se você me perguntar como é que é o peso de ter feito isso, um espetáculo que Bibi fez, confesso que não pensava em nada disso. Na época eu fui muito em consequente e inocente, mas intuitivamente eu acreditava que a minha forma de interpretar e a minha pegada combinavam muito com esse texto e, sobretudo com essas músicas então eu segui a minha intuição mesmo tudo dizendo não, e eu mesmo assim segui minha intuição, meu feeling de artista. (BICALHO, 2019)

Começava então o processo de Gota D'água, foi quando a atriz teve a dimensão real de como era complexo e como a construção desse personagem era completa.

Número 1 das coisas que eu fiz que foi muito importante" beber na fonte da própria Bibi Ferreira, eu sim, escutei muito a Bibi fazendo os textos que tem gravados e que estão disponíveis na internet, a forma como ela usa o som da voz, a métrica, a música que ela dá na forma como ela fala as palavras. (BICALHO, 2019)

Conta falo sobre o texto falado não o texto cantado, então eu bebi muito na fonte dela, no início foi fundamental para me dar um caminho, até porque eu acredito que as tragédias gregas, tem esse tom mais “Cult” já que os personagens trágicos gregos se lamentam e tudo, mas eles têm um fim que era pré determinado, isso de alguma forma já está escrito no espírito dele, ele tem o caminho emocional já traçado.

Quando o Paulo e Chico fazem essa releitura que é inspirado no trabalho do Vianinha, eles latinizam, então eles trazem uma pegada mais melo-dramática.

Eu gosto muito quando a gente dá muita atenção a emoções, principalmente na hora que elas vão transformar o personagem, dar o pulo de gato, dar um amadurecimento ou um fim trágico, eu acho que a minha Joana tem essa pegada. (BICALHO, 2019)

Izabella foi para cena com essa base de Bibi Ferreira e trabalhou toda a visceralidade que combina muito com seu trabalho, construindo passo a passo

Nós filmamos um ensaio e pude olhar em casa, achei que estava ruim, não gostei, claro a gente nunca se gosta, ator tem mania disso, mas eu achei que tinha muita energia e pouca verdade, então a partir disso eu cheguei muito em crise no ensaio, eu estava mais ou menos um mês da estreia. Então a Rafaela Amado que era nossa assistente de direção me indicou a mãe dela a Camila Amado para fazer um trabalho de Coach, então eu fiz um trabalho de Coach com a Camila que foi fundamental para que eu pudesse realmente dizer aquele texto com propriedade e usando a técnica correta, para chegar no tom que eu queria. (BICALHO, 2019)

A atriz buscava fazer com que as pessoas acreditassem em tudo que estava dizendo. Começou assim a aplicar a técnica de Camila Amado no processo e o espetáculo cresceu.

Então eu enxuguei tudo que eu estava fazendo, comecei do miudinho, do bem simples, do mais econômico como se fosse uma tragédia grega mesmo. Sem usar visceralidade, sem usar muita energia, sem usar gesto nenhum, eu fiquei aqui uns 15 dias sem mexer os braços, João Fonseca me proibiu, chegou a me amarrar, então eu comecei do nada e fui construindo passo a passo, eu já tinha todos subtextos, todos os objetivos e todas as cenas já estavam bem divididas. Eu misturo um pouco de Stanislavski, Ivana Chubbuck com Strasberg. Então eu já tinha todo o percurso emocional do personagem traçado, porém esteticamente eu comecei do nada, do mínimo do mínimo e comecei dali a interpretar cada cena e a construir cada cena a partir do nada então para eu chegar naquela situação de intensidade, ela realmente partiu do mínimo para o máximo. (BICALHO, 2019)

A artista conta que quem assiste a sua montagem de Gota D'água atualmente pensa que tem muita energia e é bem visceral, mas na verdade a atriz estava usando metade da energia com que começou durante o início dos ensaios. “E aí Cheguei naquele ponto, eu sou muito intensa então aquilo ali é uma medida, é um meio do caminho” BICALHO, 2019).

Bicalho concorda com a importância de "beber na fonte" da obra original, ou seja, pesquisar e entender sobre o que já foi feito e como chegou até lá. "Claro que muita gente quer fazer as coisas originais, mas eu acho assim como esse trabalho é um desafio e eu tive de crescimento técnico muito grande com ele, beber na fonte da Bibi Ferreira foi fundamental" (BICALHO, 2019).

Além de pesquisar sobre a "fonte", a atriz confirma que construiu com esse trabalho uma mistura de técnicas que precisou usar para interpretar, revisitou todas as técnicas que tinha e as associou para chegar ao esperado.

A atriz relata que precisou se aperfeiçoar de uma forma que não havia feito antes para poder sustentar o espetáculo do início ao fim onde utilizava várias colocações e embocaduras, precisou também ter um auto conhecimento sobre o seu aparelho ressonador desempenhando assim o seu papel.

Bicalho entra no quesito humanidade de Joana e a forma que a visualiza.

Para mim a Joana é a representação da mulher, uma das primeiras mulheres empoderadas depois das deusas, porque eu acho que ela é humana mas acho que ela representa essa figura da mulher à frente do seu tempo. Porque à frente do seu tempo? Porque ela é uma mulher que está quebrando todos os padrões de comportamento da época. Na época as mulheres eram submissas as mulheres estavam em último lugar depois dos escravos. Então na ordem hierárquica social elas estavam muito a baixo; e a Medéia é uma mulher que rompe com tudo isso. Ela é uma líder na comunidade dela, adquire poderes importantes, incomuns de mulheres na época e ela quando trama a vingança contra Jasão.

Ela não está só se vingando e matando os próprios filhos, ela está sim eliminando os descendentes daquele homem, abrindo mão do seu papel de mãe que era o único papel que cabia à mulher. Então ela abre mão desse papel. Medéia na tragédia grega ainda é salva pelo deus ex-máquina que é um elemento criado por Eurípedes para Medéia, a primeira vez que ele aparece é na tragédia de Eurípedes e então muitas coisas foram criadas para tornar essa personagem uma personagem à frente do seu tempo, uma mulher que está quebrando todos os padrões e avançando no seu papel de mulher.

Então ela foge ela se casou novamente com outro rei e dá mais filhos a ele numa época em que a mulher já era considerada muito velha e que não serviria para nada.

Acho que ela está um pouco acima das humanas ao redor dela mas acho que ela sim é uma humana que representa uma humana que pode quebrar com tudo isso e colocar a mulher em outro lugar, outro patamar que não aquele determinado a ela pelos homens. (BICALHO, 2019)

Pergunto a ela como era a visão de Joana em relação aos filhos.

Eu acho que ela ama muito os filhos mas para ela realmente é mais importante é ir à frente no papel da mulher social e por isso ela abre mão do papel de ser mãe daqueles filhos. Acho que ela merece total piedade.

Claro se você olhar para mim eu sou mãe de três filhos e eu nunca mataria os meus filhos, não tem hipótese nenhuma no meu coração. Mas acho que olhando o papel de Joana é perfeitamente compreensível e apoio ela no seu papel de transgressora tanto que essa Medéia está viva dois mil anos, há dois mil anos a gente reproduz essa tragédia. Ela foi uma das pouquíssimas

que sobreviveram ao tempo de tão importante que ela era, então eu acho que ela merece perdão sim porque ela pode ter feito as coisas de uma forma violenta que a gente não concorde, mas o papel dela de que transgressora é fundamental para que hoje as mulheres estejam no lugar que estão, se defendendo da forma que se defendem, as feministas e tudo mais. (BICALHO, 2019)

O pesquisador considera as entrevistas como parte essencial do seu processo, tanto em relação a pesquisa teórica como a realização da parte prática de “Joana Pela Gota D’Água”. Compreender o caminho que fora trilhado por outras intérpretes e os motivos pelos quais as fizeram chegar ao local desejado, às diferentes concepções e olhares para as dramaturgias/personagens encantam a investigação por parte do ator em seu laboratório.

Sendo assim, cada montagem anterior trouxe para a adaptação do pesquisador ao menos um signo se fazendo necessário essa apêndice para melhor compreensão do leitor.